

# Os ecos da Segunda Guerra Mundial entre piemonteses: diário de guerra e narrativa oral sobre a Diocese de Alba

Francisco Fagundes de Paiva Neto\*

## Introdução

**No presente artigo, articularei memórias de um bispo** sobre a Diocese de Alba com a narrativa oral de um filho de camponês-trabalhador sobre a Segunda Guerra Mundial no norte da Itália. A excepcionalidade é o fato de um bispo haver participado ativamente da resistência política ao nazifascismo, apoiando os *partigiani* (partisãos, guerrilheiros contrários ao fascismo), e ter registrado essa experiência em um diário de guerra. Como forma de enriquecer aspectos da memória social e das interações presentes com a escrita da história, recorro também às narrativas orais do padre Luigi Pescarmona, que acompanhou a guerra na parte do tecido social composta por trabalhadores. As reflexões associam-se à discussão de Bloch (2001) sobre a ideia de “bilinguismo hierárquico”, considerando a elaboração de um diário como uma fonte proveniente de um dos membros do alto clero e a narrativa oral de Luigi Pescarmona, cuja família foi colaboradora dos partisãos. Utilizo como uma referência nas entrevistas as contribuições de Portelli (1997), que contempla a pluralidade das vozes presentes nessa modalidade metodológica da história oral.

---

\* Professor do Departamento de História da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), Campus III. Coordenador do Núcleo de Documentação Histórica do Centro de Humanidades (NDH-CH). E-mail: chicofagundes@gmail.com.

## A Segunda Guerra Mundial, a Diocese de Alba e o diário de guerra

O século XX abrigou na sua experiência histórica duas grandes guerras, que o tornaram caudatário de uma torrente de narrativas memoriais sobre a chamada “Era da Catástrofe” (Hobsbawm, 1995). Diante da complexidade inerente ao processo em questão, deterei minha análise sobre o contexto de uma sociedade piemontesa italiana, a partir de narrativas orais e de um diário de um bispo sobre as agitações políticas entre tantas bandeiras desfraldadas.

A Segunda Guerra Mundial (1939-1945) teve duas grandes frentes: as convencionais (exércitos), envolvendo a beligerância entre os Estados nacionais, e as irregulares (guerrilhas com participação de civis e militares), que se expandiram nos diversos países europeus, através dos movimentos da chamada resistência,<sup>1</sup> sobretudo a partir da invasão alemã da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) em 1941. A guerra teve uma forma militar e política inesperada, devido à aliança entre o capitalismo dos Estados Unidos e o comunismo da URSS, que nos *fronts* semeou coalizões de resistência de um lado a outro, balizadas pelo aspecto do combate às forças da Alemanha, da Itália e do Japão. Avaliando a atividade da resistência italiana, Hobsbawm (1995, p. 165-166) considera que

os italianos podiam deixar a memória de Mussolini para trás com a consciência limpa [...]. O mesmo, não se deve esquecer, fizeram os elementos profunda e intransigentemente anticomunistas na Igreja Católica e seus exércitos de religiosos convencionais, embora a política da Igreja fosse demasiado complexa para ser classificada [...] como ‘colaboracionista’ em qualquer parte.

Na Segunda Guerra Mundial, predominou no alto clero a atitude de acomodar a oposição ao nazifascismo para manter a unidade do rebanho católico ou não comprometer a reinserção da Igreja, no caso dos Estados italiano e francês (Michel, 1977; Coutrot, 2003). A relação Estado/Igreja na Itália, a partir do uso de escalas, permite a percepção de diversos matices (Grendi, 1998; Revel, 1998). Mesmo entre o catolicismo conservador,

---

1 As resistências (partisões e “machis”) constituíram-se de grupos civis e militares de ideologias diversas que, unificados pelos combates ao nazifascismo, difundiram-se em toda a Europa.

aprecia-se que a Ação Católica (AC), entre 1929 e 1942, se confrontou com o Estado italiano quanto à educação dos jovens (1929), embora tenha instado os seus membros, pelo jornal *Civilização Católica*, a apoiar os fascistas contra os liberais; ou, no caso extremo, entre 1941 e 1942, em que os membros da AC foram convocados às forças armadas, mas o próprio Papa Pio XII contornou a disputa e, em 1939, demonstrou a aprovação eclesiástica a Mussolini (Smith, 2000).

A relação da Igreja na Itália manteve algumas tergiversações ou estratégias de sobrevivência pelas manobras da nunciatura com o fascismo, enquanto encontramos na Diocese de Alba (Cuneo) uma forte oposição ao regime pelo bispo D. Grassi, cuja militância antifascista manifestou-se quando era ainda padre e membro da AC em 1933. O ingresso de católicos da província de Cuneo na resistência foi amplo e serviu como uma estratégia política velada para balizar um quadro próprio ante os governos laicizantes de inspiração liberal, nazifascista ou comunista. A premissa da AC era um projeto político com “o primado religioso, moral e civil entre os povos” (Mola, 1994, p. 21), mantendo as bases do catolicismo. Depois, em 1937, D. Grassi criticou abertamente o fascismo, na *Gazzetta d’Alba*, afirmando “se tratar de uma minoria não querida pelo sufrágio universal e não confortável ao aspecto eclesiástico, ou, em outros termos: uma ditadura reacionária de massa” (Mola, 1994, p. 23).

A leitura de um diário de guerra traz ao historiador informações sobre disputas, dimensões de práticas e representações sobre a política ou a religião de uma população em meio às questões hodiernas. Optei por esse tipo de fonte considerando o exposto por Alcaraz e Alcaraz (2010, p. 3):

[...] relatos, além de contemplarem formulações dialógicas e dialéticas, entre aquele que escreve, o alcance de sua escrita e as formulações dos leitores, que se emocionam, mas incorrem na impossibilidade de conciliar a natureza real do acontecido, isso cabe apenas aos sobreviventes que desejam falar sobre o assunto ao lerem as narrativas do diário de guerra.

No Piemonte, entre os anos de 1936 e 1937, o levantamento do monsenhor Grassi apontava para uma presença sólida da AC em 97 paróquias, contando com pelo menos 17% dos habitantes da diocese com uma posição política antifascista. Porém, esse número cresceu nos anos posteriores com as fissuras entre o clero e os leigos. No caso de Alba, os religiosos faziam uma

oposição por meio do trabalho nas paróquias. No bispado de D. Grassi em Alba,<sup>2</sup> a oposição ao regime fascista resultou em várias mortes, como a do padre Demetrio Castelli,<sup>3</sup> fuzilado na área do Piemonte pela Gestapo ao ser acusado de ser colaborador de uma emboscada contra uma tropa, e a do padre Giuseppe Girotti, morto no campo de concentração de Dachau (Alemanha) por apoiar partisans e judeus. Ademais, outros religiosos passaram por cárceres (ou foram ameaçados pelos militares) em 1944 com um grupo constituído por Virginio Vigolungo, Balestracci (pároco do “Santuario della Moretta”) e Natali Bussi (vice-reitor do Seminário Maior), grupo este acusado de propaganda subversiva e incitamento à resistência (Grassi, 1994, p. 111). Assim, percebemos uma ampliação da participação de membros do clero, da mais alta à mais baixa hierarquia, na oposição ao regime.

A presença de pequenas cidades junto aos espaços de economia mais dinâmica do norte e do nordeste da Itália criou relações para a circulação de ideias políticas nas áreas camponesas, difundindo posições quanto ao Estado fascista tanto de adesão como de rejeição a liberais, monarquistas, socialistas e comunistas com algum nível de diálogo com as tradições religiosas católicas.

A guerra diluiu as bases da convivência dos proprietários de indústrias e comerciantes com os trabalhadores, acirrando os conflitos sociais em plena crise econômica, vista pelos proprietários e pelos liberais como uma possibilidade de se aprofundar o nível de exploração no trabalho e desorganizar as suas bases de resistência. Os trabalhadores vinculados ao Partido Socialista chegaram em 1920 nas eleições municipais a resultados expressivos em todas as regiões do país.

A opção da classe média conservadora foi se aliar aos proprietários rurais e aos grandes industriais, por meio da adesão a uma proposta política de cunho autoritário capaz de reprimir com dureza as organizações operárias e camponesas (Maestri; Candreva, 2001). Assim, a organização dos trabalhadores rurais e urbanos foi combatida, entre 1919 e 1920, quando rumou à esquerda com cerca de 1.663 greves em indústrias (península e ilhas), paralisações e ocupações de terras. Surgiram conselhos operários nas fábricas para dirigir grande parcela da produção nas indústrias, obtendo ganhos. Por sua

---

2 Em março de 1933, Pio XI o nomeou bispo de Alba. Assumiu a diocese em 11 de junho de 1933.

3 Foi fuzilado no Castelo de Polenzo (25/08/1944), acusado de colaborar para uma emboscada contra os alemães.

vez, as ligas agrárias<sup>4</sup> conseguiram deflagrar uma greve com tantas adesões, que acuaram os proprietários e permitiram ganhos aos camponeses (Sassoon, 2009). Entretanto, o movimento camponês foi esmagado e se restaurou o monopólio do poder entre as oligarquias rurais (Mola, 1994). Para os membros da AC, os camponeses, pelo grau de consciência política, foram um grupo/classe importante na oposição aos fascistas a partir de 1944.

A AC (no Piemonte) e os grupos partisaos eram unânimes à derrocada fascista. A guerrilha mais expressiva na área foi comandada por Enrico Martini, ex-oficial do estado-maior do exército italiano até 1943 na experiência imperialista na África. Esse guerrilheiro organizou forças da resistência em Cuneo (nos Alpes), Langhe e Monferrato (nas colinas) por meio das Formações Autônomas, que mantiveram uma equidistância política com relação aos diversos partidos na coordenação e execução das ações militares, como recurso estratégico para garantir a unidade necessária ao êxito nas batalhas.

Em julho de 1944, a guerra civil alastrou-se no Piemonte como efeito do avanço dos Aliados a partir de Roma. D. Grassi, monarquista, deparou-se com uma situação marcada pela presença de três grupos políticos: os Aliados, o Reino do Sul e os partisaos; as tropas alemãs e os partidários de Mussolini; e os seguidores do dissidente fascista Pietro Badoglio, que aderiu aos Aliados. Logo, era preciso realizar manobras políticas como forma de manter o corpo clerical ativo na resistência a um regime acuado e ainda agressivo.

A guerrilha comandada por Mauri possibilitou a criação de uma zona composta por quatrocentas comunas livres dos nazifascistas (1944) entre Langhe e Monferrato, tendo como capital para a junta de governo a cidade de Alba, sob a proximidade do comando Aliado e da sede da diocese. No mês de setembro de 1945, os membros da divisão Giustizia e Libertà (GL) avançaram cerca de 80 quilômetros em território nazifascista. A criação do Corpo dos Voluntários da Liberdade (CVL) não indicou em nenhum momento uma unanimidade entre os partisaos, pois cada um marchava conforme a sua bandeira (Mola, 1994, p. 13-14). E assim, até a derrota plena dos fascistas, os combates foram intensos, com muitas mortes e aprisionamentos,

---

4 As ligas agrárias surgiram na Europa nos fins do século XIX e se estenderam até o início do século XX. Recusavam o “pagamento do arrendamento” e o confisco da terra por toda a nação (Inglaterra), utilizando-se de estatutos secretos que unificaram os camponeses, ataques aos rebanhos, incêndios de áreas florestais e de granjas, atentados contra alcaides ou proprietários e, por fim, realização de greves. Ver Bombardi (2007).

além da troca de prisioneiros entre os beligerantes, algumas vezes intermediadas por D. Grassi.

O caráter mais acentuado do envolvimento da Diocese de Alba no confronto com o fascismo foi um exemplo de um aspecto politicamente motivado pela conjuntura local, porque D. Grassi era monarquista, enquanto a juventude tendia para os grupos socialistas. Porém, deve-se destacar a capilaridade da AC como “a matriz orgânica de tantas partes dos quadros e da base dos grupos partisaos” (Mola, 1994, p. 30). Embora o bispo agisse de acordo com os princípios cristãos, sua predileção conjuntural pelos socialistas ficou registrada no seu diário, quando afirmou: “não poderia me desinteressar pelos partisaos, quando a minha diocese era partidária [dos guerrilheiros] em pelo menos 90 entre 100”; da mesma forma, ao constatar que entre os fascistas era raro ver um dos seus diocesanos, tinha “quase todos os seus filhos mais jovens nos bosques, entre rochas a servir a pátria em uma vida selvagem, do trágico verdadeiramente cotidiano”. Por fim, ele se pergunta sobre os partisaos: “Como desinteressar-me (como pretendiam os fascistas), considerá-los delinquentes, ajudar quem os queria todos mortos?” (Grassi, 1994, p. 77).

Diante das hostilidades aos nazifascistas na região do Piemonte, tornou-se problemática a condição do bispo de Alba, pois a prisão ou a morte poderia suscitar um processo ainda mais acentuado de comprometimento de setores católicos com a resistência. A estratégia dos nazifascistas foi a de fuzilar ou deportar alguns padres que cumpriam as orientações de D. Grassi, para enfraquecer as bases da resistência entre o baixo clero católico, e de estabelecer a dissuasão entre os fiéis pelo recurso da violência.

O bispo ficou em uma situação complexa, pois precisou realizar uma série de atividades que antes poderiam ser delegadas aos seus subordinados, a exemplo das negociações pela troca e soltura de prisioneiros ou do contato com os nazifascistas ou com os partisaos para a resolução de questões variadas.

Apesar dos vínculos entre o Estado italiano e o Vaticano, ocorreram posicionamentos contrários às relações com a política tutelada pelos nazifascistas. Os debates e as práticas de dissidência na Igreja tiveram um aspecto próprio com relação à permanência dos vínculos de bispos e padres, bem como de leigos, com a instituição. Por sua vez, a experiência da luta dos católicos entre os partisaos demonstrou a sua importância na formação de uma área liberada da influência nazifascista. Porém, reafirmo a percepção de que muitos componentes das forças nazifascistas eram também católicos, alguns convictos e outros submetidos aos rigores do serviço militar.

Nos embates entre os dignitários fascistas e o bispo Grassi, um caso fez-se célebre: a mobilização do religioso para uma negociação de libertação de 153 prisioneiros italianos que estavam para ser fuzilados. A libertação levou cerca de 30 horas, com D. Grassi tendo de negociar pontualmente em diversas localidades, totalizando um percurso de 1.300 quilômetros pelas estradas das províncias de Langhe e Cuneo. Ao fim de uma viagem exaustiva e sem repouso, todos os presos foram soltos, através de conversações com o comando alemão e o prefeito Antonio Galardo (Grassi, 1994).

Outro aspecto referente à população de Alba e à sua cultura política voltou-se para a presença de alguns trabalhadores socialistas que frequentavam missas. Essa característica cultural desponta como um aspecto interessante sobre a religiosidade entre os militantes ou adeptos da esquerda associados ao catolicismo. Esse fator colaborou igualmente para o recrutamento da resistência. Em alguns estudos realizados por Hobsbawm (2000, p. 60), foi possível constatar que a secularização e as posturas antirreligiosas ou de indiferença religiosa eram mais comuns entre os operários das metrópoles, enquanto nas pequenas cidades os trabalhadores cultivavam uma prática religiosa entre fins do século XIX e primeiras décadas do século XX. Essa questão pode ser explicada pela permanência de aspectos comunitários associados a práticas religiosas.<sup>5</sup> Logo, percebe-se como em uma determinada região ocorrem variações do fenômeno político a partir de memórias transmitidas através de gerações, que formaram alicerces de uma cultura política<sup>6</sup> socialista em conflito com o liberalismo da fase pré-fascista pelos direitos dos trabalhadores. Posteriormente, as questões em pauta se demarcaram por processos organizativos, envolvendo desde questões partidárias até sindicais e antifascistas.

Assim, a vida em Alba se constituiu como nexos entre a experiência de uma conjunção do catolicismo com a esquerda entre camponeses. Percebe-se, pelas narrativas, que os assuntos referentes às relações entre socialismo, monarquia e catolicismo faziam parte de uma experiência específica de classe na excepcionalidade das contradições do fazer político. Durante a formação da classe operária inglesa no século XIX, ocorreu a divisão dos operários

---

5 Segundo Hobsbawm (2000, p. 60), mesmo pessoas devotas, supersticiosas ou ortodoxas votavam na esquerda “ateia”. Cerca de 40% das pessoas na Sicília e Sardenha, nos polarizados anos 1950, não viam incompatibilidade entre o catolicismo e o comunismo.

6 Cultura política refere-se às ações e representações relacionadas ao fazer político. Ver Motta (2009).

em uma diversidade de denominações cristãs. O Metodismo, por exemplo, assemelhou-se bastante com a Igreja Católica na Itália, especificamente em relação às questões de ser praticado por patrões e trabalhadores, enquanto se enfrentavam politicamente (Thompson, 1987). No caso italiano, a presença do papado garantiu a formação de práticas políticas relacionadas ao catolicismo por meio de um vasto leque: monarquistas e republicanos, sendo estes divididos em sociais-democratas, socialistas e liberais.

Contudo, a partir de uma reflexão de Bloch (2001) sobre o “bilinguismo hierárquico” que afeta o ofício do historiador ante os documentos produzidos pelos letrados do passado e aqueles produzidos pelos subalternos com a linguagem informal e os dialetos, podemos desvelar o passado com todos os limites de uma experiência histórica associada a relações assimétricas entre as balizas do popular e do culto, em que o “que se pensava e se dizia correntemente na primeira escrevia-se, exclusiva ou preferencialmente, na segunda” (Bloch, 2001, p. 139). Logo, em uma sociedade marcada pelos traumas de guerra, avaliamos a construção de uma memória pelo bispo em sincronia com a construção de outras memórias do contexto.

Em 26 de abril de 1945, o Comitê de Libertação Nacional (CLN) ocupou o norte da Itália e, diante da derrocada fascista, D. Grassi deteve-se à ação pastoral de evitar a justiça sumária dos cabeças fascistas pelos partisans. Após o conflito, a sociedade italiana entrou em uma fase de reconstrução, mas os efeitos da guerra permaneceram na memória social. As agruras do conflito resultaram em um câncer estomacal em D. Grassi, atribuído à fadiga e ao estresse, levando-o à morte aos 61 anos, em 5 de abril de 1948. Uma multidão do território Albese (da Diocese de Alba, que envolve 153 paróquias) foi ao enterro do bispo, visto pelas frações políticas do CLN, judeus<sup>7</sup> e fascistas derrotados como um mediador responsável pela preservação da vida de muitos envolvidos no conflito. Em 6 de junho de 1992, uma coluna foi chantada no parque Colle della Resistenza di Bossolasco (Alba), demarcando um lugar de memória, a partir de propostas das populações de Langa e Roero e da Associação Colle da Resistência.

---

7 D. Grassi abrigou no palácio episcopal, conforme as prédicas cristãs referentes à hospedagem dos marginalizados, duas famílias de judeus.



## As narrativas orais sobre a guerra em Alba

A partir das memórias de D. Grassi, reflito sobre as narrativas do monsenhor Luigi Pescarmona,<sup>8</sup> que na infância presenciou a guerra em Canale, área pertencente ao município de Alba. Realizei com ele duas entrevistas semiestruturadas e em profundidade, em 25 de março e em 28 de abril de 2010, na cidade de Guarabira (PB), onde se radicou nos fins da década de 1970. Todavia, pelos limites de um artigo, deterei minha atenção às memórias referentes à vida em tempos de guerra. Uma referência fundamental para o estudo sobre a participação de religiosos na política no Nordeste brasileiro foi produzida por Montenegro (2001; 2006), quando, pela metodologia da história oral em sincronia com outras fontes, conseguiu desnudar a experiência política de religiosos europeus na fase anterior e posterior à década de 1960, ante as instâncias administrativas e de participação de militantes católicos e outros grupos cristãos.

No caso específico de Luigi Pescarmona, a infância vivida durante a guerra acentuou uma percepção mais acurada da condição humana, devido à cruenta realidade e aos traumas originários. A experiência de uma guerra deixa nos seus participantes, diretos ou indiretos, impressões incisivas e frequentemente faz aflorar angústias e projetos políticos que podem variar do pacifismo ao nacionalismo (Seligmann-Silva, 2009). O fascismo deixou marcas na sociedade italiana, contudo a presença dos Aliados também colaborou para o estado de crise social: retaliações, falta de alimentos, violências sexuais e desastradas operações militares resultando em vítimas civis.

As entrevistas permitiram acessar informações sobre as memórias do monsenhor Pescarmona no contexto dos combates em Alba. Nesse trajeto, algumas questões metodológicas foram adotadas como forma de permitir reflexões sobre a história oral, bem como de criar condições de aplicá-la no trabalho. Reconstituí o contexto social a partir da memória do entrevistado. Utilizei como recurso a noção de narrativa elaborada por Portelli (1997) e Ricoeur (2007). Portelli (1997, p. 29) defende o argumento de que “as fontes históricas são fontes narrativas”, cabendo ao pesquisador alcançar a narração em duas possibilidades: se apoiar em um episódio para afirmar a sua importância; perceber que essa é uma estratégia do narrador para operar um desvio

---

8 Radicado no Brasil desde os anos 1960, migrou para a Paraíba no final da década de 1970, onde dedicou-se ao trabalho junto a camponeses na Comissão Pastoral da Terra da Diocese de Guarabira (PB).

em relação aos pontos delicados. Assim, os relatos das classes (ou grupos) não hegemônicas ligam-se à tradição da narrativa popular, marcada pela distinção quanto às classes (ou grupos) mais afeitas aos códigos escritos, considerando as questões das hierarquias sociais apontadas por Bloch (2001). Por sua vez, Ricoeur (2007) afirma a evocação como subordinada à experiência do recordar, demarcando um espaço entre o lembrar e o esquecer em desenvolvimento no presente, sobretudo quando se reporta à “memória ameaçada” das vítimas da violência histórica. Essa experiência é própria da possibilidade da interação decorrente da produção de fontes orais. O contato entre o pesquisador e o narrador dimensiona sentidos com um caráter dialógico, pois uma pergunta formulada faz emergir recordações adormecidas.

O registro das perguntas elaboradas pelo pesquisador ao entrevistado também tem o aspecto significativo do acesso a determinados conteúdos, a partir de uma relação de confiança estabelecida, permitindo um aprofundamento sobre algumas memórias que assumem o aspecto de confissão ou possuem forte carga emotiva. Para De Decca (1999, p. 114), “nos damos a conta da dificuldade do trabalho com a memória, pois ele exige [...] um espaço de familiaridade, afetividade e cumplicidade”. Assim, dirige perguntas a um religioso que nunca antes havia discorrido sobre as memórias da infância com outro pesquisador. No entanto, questões sobre movimentos sociais no campo nas décadas de 1980 e 1990 tangenciaram as memórias sobre o contexto da infância em uma fase da guerra, a experiência paterna como camponês trabalhador e as relações entre grupos/classes.

## A rememoração da vida escolar e a guerra

Na escola, Luigi Pescarmona aprendeu as primeiras letras, acompanhou os ensinamentos de uma pedagogia de inspiração autoritária, cantou o hino italiano, e provavelmente algum hino fascista, durante as visitas dos burocratas do regime e em alguns eventos escolares, além de haver cumprido as ordens dos professores em respeito ao “Duce”. As escolas tinham manuais como verdadeiros catecismos fascistas, mormente para os filhos de operários ou de camponeses. O padre se lembrou de audições de discursos de Mussolini que eram transmitidos por um sistema de som para os estudantes. Os mestres exigiam disciplina quando o “Duce” falava à nação e palavras aos educandos, que ficavam em posição de sentido. Assim, o ditador conseguiu difundir

o seu ideário para toda a Itália e projetar para o futuro a possibilidade de vigência do regime, por meio de slogans presentes no sistema educacional, como: *Acredita! Obedece! Luta! Nada jamais foi ganho na história sem derramamento de sangue!* Algumas reminiscências da pedagogia fascista foram narradas:

Lá no Piemonte cada cidade tem a sua própria linguagem e a sua própria forma política. Sobre a linguagem, posso dizer que entendemos o que é dito. Sobre a política, posso afirmar o fato de sermos uma ‘república de municípios’. Na fase da guerra, o *potestà* [prefeito] da minha cidade era filofascista, mas não tinha muito apoio no município. Estava lá pela conjuntura política originada pelo próprio fascismo. Na escola, todos os dias, por volta das onze horas, havia uma transmissão de Mussolini: ‘Italiani...’ A guerra nos trouxe um sentimento forte em relação ao próprio hino nacional, algo referente a um nacionalismo... a Itália fazendo guerra... (Luigi Alberto Pescarmona, 2010).

Conforme a narrativa, a guerra disseminou reservas quanto ao nacionalismo difusor de sentimentos associados ao militarismo e à submissão de outros povos, provocando sofrimentos entre as populações locais vitimadas diretamente pelos conflitos. Os discursos de Mussolini pelos alto-falantes nas escolas tornaram-se mais frequentes em 1943, quando os Aliados invadiram o sul da Itália. Conforme uma das entrevistas que o monsenhor Pescarmona me concedeu: “Lembro de ter visto em 1943 o povo derrubando os símbolos do fascismo e os retratos de Mussolini”. Embora se acentuasse o quadro de uma guerra mundial com elementos de uma guerra civil, as aulas continuavam, sendo paralisadas quando as sirenes anunciavam algum ataque da força aérea ou combates de infantaria. As respostas às minhas perguntas sobre a infância dele durante a guerra revelam a influência do catolicismo no tecido social:

Da minha infância eu lembro de duas experiências marcantes: a escola e a guerra, a Segunda Guerra Mundial. [...] Na escola o sentido de unidade, porque lá se aprendia o mesmo que se ensinava em casa ou na comunidade paroquial. Isto é, havia um discurso, que podia variar em algum aspecto, mas o sentido do discurso era bem único. Tanto em casa, como na escola, como na igreja, nós vivenciávamos os mesmos valores. [...] Só havia um

aprofundamento, uma ampliação, do que nós aprendíamos em casa quando íamos para escola ou para igreja. (Luigi Alberto Pescarmona, 2010).

As relações entre religião e política são complexas e permitem vislumbrar alguns pontos cegos marcados por discordâncias, heterodoxias e hibridismos. Os Pescarmonas conviveram durante a Segunda Guerra Mundial com o catolicismo e a visão socialista, numa coordenação que entre os seguidores ortodoxos das orientações papais era inconciliável. As relações entre as ligas socialistas de trabalhadores rurais e camponeses e a organização dos *mezzadri* (arrendatários) por forças católicas depois da Primeira Guerra Mundial são um claro exemplo do temor dos proprietários rurais dos nexos entre socialistas e católicos (Maestri; Candreva, 2001). No caso da socialização de Luigi, a família era católica, tendo como dialogar com a comunidade paroquial e os educandários onde os filhos estudavam. O casal Pescarmona soube conciliar o catolicismo com a cultura socialista, além de colaborar com os partisaos.

O segundo momento frisado pelo monsenhor Pescarmona refere-se à guerra e às impressões sobre o fascismo e a resistência. Desde a chegada dos Aliados ao sul italiano, foram constantes as estratégias de sabotagem, de infiltrações, de retaliações e de ataques-surpresa para fragilizar o moral das tropas e da população a fim de impedir alguma modalidade de colaboração. Minhas abordagens às dificuldades nos anos de guerra foram parcialmente respondidas, porque as lembranças sobre as destruições e alguns cadáveres espalhados pelas ruas reservam o direito ao silêncio. Em entrevistas posteriores, algumas menções ocorreram sobre os sofrimentos decorrentes do conflito, porém nos limites da brevidade e de uma certa inquietação, próprias de assuntos incômodos como as recordações de mortes, de destruições, de dificuldades de viver em um país em guerra ou que passou por esse tipo de experiência, a exemplo dos judeus remanescentes dos campos de concentração (Pollak, 1989). Porém, às minhas perguntas sobre a guerra se seguiam respostas de enaltecimento da resistência no Piemonte:

Depois, a minha infância até os 12 anos foi marcada pelas agruras da Segunda Guerra Mundial. Então foi nos anos de 1943 a 1945 que nós sentimos os maiores impactos da beligerância na Itália. Foram anos muito fortes de padecimento, de muito sofrimento. E nós fomos marcados pela resistência ao fascismo e ao nazismo. O Piemonte todo! Mas de maneira especial na

nossa área houve a maior resistência: Mussolini não entrou, nunca entrou [risos]. Viajava para Gênova e para Milão, mas no Piemonte nunca entrou, porque era perigoso [risos]. (Luigi Alberto Pescarmona, 2010).

Nota-se que, se as referências aos mortos civis atingidos pela fúria nazifascista ou pelas investidas dos Aliados são mais gerais, os detalhes sobre as movimentações partisans são mais específicos. O sentido da dor e do sofrimento produz memórias incômodas e, no caso em questão, comentários breves seguidos pela mudança de assunto ou do próprio silêncio como uma estratégia de convivência com o passado (Samuel, 1997).

Assim, a narrativa sobre um passado de dor e de congregação de pessoas em grupos identificados com a resistência situa a importância do espaço de Canale e do tempo das primeiras ações da guerrilha. Percebe-se a relevância da geografia local e do tempo da guerra para constituição de uma noção de pertencimento social, pois o narrador falou da sua origem familiar, cujos vínculos com a resistência eram definidos por uma experiência cotidiana de participação política e de rememoração da identidade piemontesa, afirmando assim uma identidade social em um contexto relacional (Cardoso, 2005, p. 182-183). A vida rural nas cercanias de matas e montanhas da região facilitou o apoio e a participação de camponeses nas ações da resistência. Analisando essa fase de conflitos entre as tropas regulares e as formações partisans, quando perguntei ao monsenhor Pescarmona, assim ele respondeu:

A nossa cidade ficava próxima de grandes cidades, a exemplo de Turim, sendo dotada de muitas estradas. Mas a fortuna da resistência eram as pequenas estradinhas vicinais, que vascularizavam o território, permitindo sempre fugas e ataques. Isso foi terrível para os fascistas, né? (Luigi Alberto Pescarmona, 2010).

A relação da população local com os caminhos e as áreas de esconderijos nas montanhas permitiu a estratégia de escaramuças e dispersão dos partisans, mantendo um nível de interlocução dos membros da população local com agentes políticos que ampliavam o ingresso de novos militantes tanto para ações armadas como para formação de uma rede de colaboradores. A memória reflete assim uma forma de pertencer socialmente a um grupo social ou de rememorar o pertencimento, pois mesmo o tempo passado não anula a identificação grupal, que se projeta no porvir (López, 2009). A memória em

jogo com o tempo presente permite um emaranhado de posições e de representações cuja práticas efetivam as condições históricas.

A experiência social de vínculo a pessoas de posições antifascistas ecoa no tempo como uma forma de demonstrar uma resistência narrativa àquela modalidade de regime político. A dor sentida e sofrida junto a tantos outros italianos massacrados pelos nazifascistas gerou cicatrizes presentificadas pela voz que narra e, quando o faz, resiste a um regime autoritário e militarizado, afirmando uma opção religiosa e política.

Em relação ao período da guerra civil desencadeada no Piemonte, obtive algumas impressões sobre o cotidiano da população de Canale e sobre o curso dos conflitos. Uma das mais angustiantes era a do recrutamento, que em meio a representações políticas diversas trazia o temor da desassistência familiar durante e após o conflito. Conforme foi narrado:

E quem ia porque queria ir, era por uma forte obediência ao Estado. Iam, mas quando rezavam uma oração pela vitória, afinal tanto os amigos quanto os inimigos rezavam pela vitória a Deus... Mas a vitória não era vista como o esmagamento do inimigo, mas como uma volta do esposo ou do filho para casa, para a família, para o trabalho. Não se pedia o esmagamento do outro, pois a volta do soldado era uma vitória antimilitarista. E quando na oração, no cântico para a vitória se expressava o desejo de vencer, esse fato se dava pela necessidade de voltar para casa para trabalhar, para tomar conta da família ou da noiva, ou da esposa e dos filhos. Isso para mim foi muito claro entre os piemonteses. Não vi ódio por parte de quem partia para guerra. (Luigi Alberto Pescarmona, 2010).

A percepção do entrevistado sinaliza para uma relação do catolicismo entre grupos de opositores quanto à arte da guerra. Esse estado sinaliza para uma espécie de “economia moral”, considerando que a guerra se sobrepõe a uma cotidianidade e quebra o “consenso de apoio na comunidade e um padrão de ação herdado com seus próprios objetivos” (Thompson, 1998, p. 186), pois a excepcionalidade da guerra traz consigo um extraordinário dramático, que precisa ser contido pela emergência da restauração de tradições, ritos e costumes.

Uma das modalidades desenvolvidas pelos antifascistas foi dificultar a política de recrutamento para o exército italiano, o que implicou sanções ou punições pelo Estado fascista aos participantes desses grupos, considerados

inimigos do Estado. Quando perguntado sobre as práticas de sabotagem ao exército pelos piemonteses, o Monsenhor Pescarmona afirmou:

Vi ódio na repressão aos resistentes, isso sim! Os resistentes queriam mais a liberdade de não ir à guerra, não sair da própria casa e de não abandonar o trabalho. Isso ficou marcado porque papai era um *partigliano*, era um resistente mesmo. Meu pai foi um resistente que não combateu tanto com as armas, mas na retaguarda, através de sabotagens. Então ele passava informações aos jovens que trabalhavam na indústria alimentícia onde ele trabalhava. Meu pai trabalhava numa empresa chamada Pastificio Fratelli Póvero. Nessa empresa meu pai era o mais velho funcionário. Ele tinha de 33 a 35 anos. Então não era mais chamado para a guerra, pois na Itália ia para a guerra quem tinha de 20 a 25 anos de idade. A melhor juventude era chamada a se entregar. Então papai não ia porque já tinha bastante idade. E na minha região havia jovens que deveriam estar no exército, mas não foram recrutados pelos fascistas por causa da resistência. (Luigi Alberto Pescarmona, 2010).

Com frequência, em diversas sociedades, as sabotagens demarcaram espaços de resistência política, através de várias estratégias de eversão. No caso citado na entrevista, temos menções à prática de dificultar o recrutamento para conter o fascismo. Encontramos em Bloch (1987, p. 278) uma referência de práticas de resistência camponesa no medievo, com a qual podemos estabelecer um paralelo, cuja tradição demonstra a força da inércia diante de quadros sociais que implicam dominações consideradas abusivas. Ou seja, “os de baixo” moviam-se desorganizando as práticas consideradas impróprias, deixando como herança essas expressões de resistência.

Uma das estratégias da resistência, como exposto anteriormente, foi a de dificultar o recrutamento militar, como forma de enfraquecer o exército e comprometer os planos fascistas no curso da guerra e internamente. A minha pergunta sobre os movimentos antirrecrutamento foi assim respondida pelo monsenhor Luigi:

Quando os jovens operários estavam trabalhando e quando sabiam que havia um deslocamento de tropas italianas buscando recrutar soldados para o exército de Mussolini, meu pai os escondia. E na firma de alimentícios havia um depósito de farinha. Então meu pai sabia quais eram os sacos que

ocultavam a entrada de um esconderijo onde os jovens se escondiam ao sinal de movimentos das tropas fascistas. (Luigi Alberto Pescarmona, 2010).

A sabotagem ao recrutamento fazia parte de uma estratégia mais ampla: a de realizar uma sangria no corpo do exército italiano, diminuindo o número de jovens no processo de adestramento militar fascista, e, quando possível, agindo para recrutar militantes dispostos a combater entre os grupos da resistência. Mas as sabotagens realizadas por Cesare Pescarmona foram descobertas através de uma delação, que implicou um interrogatório realizado em praça pública. Diante de Luigi, a face materna cheia de angústia, indo à escola com o objetivo de levar o filho para ver o seu pai pela última vez. Segundo o monsenhor relatou, enquanto os sinais de choro se pronunciaram:

Após algumas sabotagens realizadas pelo meu pai, dentre tantas realizadas por diversos resistentes, os militares obtiveram informações que os jovens estavam escondidos nas instalações da empresa. E perguntaram ao meu pai onde eles estavam, pois não sabiam precisamente onde se localizava o refúgio. Meu pai disse que não sabia. E então, os soldados fascistas o prenderam e o colocaram na praça, visando dar um caráter de punição exemplar. Papai foi acorrentado e posto deitado no chão. E com um tanque de guerra iam quase em cima dele para esmagá-lo. Iam e voltavam. E diziam: ‘Fale!’. E papai não falava. E minha mãe foi me buscar na escola e me disse: ‘Vamos ver o seu pai’. Eu tinha de 8 a 10 anos de idade, no máximo. E então, da escola eu fui para a praça escondido. Minha mãe estava despenteada porque a situação era difícil. E o meu pai estava deitado na praça e um tanque quase o matando. À noite chegou em casa pálido, e a primeira coisa que falou chorando foi: ‘Não falei! Não falei!’ (Luigi Alberto Pescarmona, 2010).

A aflição familiar foi em parte ocultada pela comoção da multidão assistindo à iminente morte de Cesare, inerte diante da tropa fascista. Depois desse momento de angústia, Anselma levou o seu filho para casa, entorpecida pela dor da perda do marido e atormentada pela responsabilidade de educar sem um pai os seus três filhos. Ao que parece, nada foi provado contra Cesare, que retornou à noite com lesões pelo corpo decorrentes de maus-tratos, assustado e chorando. (Esse momento da entrevista foi marcado por um tom grave, demonstrando que o ato de rememorar determinados conteúdos pode fazer emergir a angústia depois de tantos anos, embora a vida do pai tivesse sido preservada.)



As memórias voltaram-se para uma opção política doméstica, para algumas manifestações de oposição ao regime na escola por alguns professores e para a própria posição de alguns religiosos contrária ao fascismo. O autoritarismo fascista e as provações do avanço dos Aliados sobre a Itália o fizeram refletir sobre um socialismo com abertura para questões culturais como a religião cristã, através da sua expressão católica, tal como coexistia entre tantos operários. Ao ser indagado sobre a influência paterna e os diálogos familiares, o monsenhor Luigi Pescarmona afirmou:

Depois da guerra, o caráter de resistência às injustiças foi fortalecido entre nós. Meu pai era socialista. Ele ia à missa semanalmente, mas era socialista. Para ele a forma ideal de governo era o socialismo, o comunismo, não é? Era de esquerda, claro. Era socialista. E então ele, depois da guerra, nos anos entre 1946 e 1949, com minha mãe, que era uma ‘catolicona’, mas também tinha alguma simpatia pelas ideias socialistas, sempre conversava sobre as questões sociais. Então na mesa eu escutava essas coisas: reivindicações pelo aumento do salário, reunião entre eles, né? Na mesa a gente escutava: ‘Hoje vamos fazer isso, aquilo’... Meu pai e mamãe conversavam sobre questões referentes à organização dos operários. Depois, em casa, escutava o desejo de estar em dia com a carteira assinada, com a aposentadoria, com a saúde. Então escutava isso normalmente. Sempre conversavam sobre a questão dos direitos dos trabalhadores. (Luigi Alberto Pescarmona, 2010).

A afirmação sobre a opção socialista e católica de Cesare, frequentador semanal da missa, traz um aspecto sobre a religiosidade entre os militantes de esquerda. A secularização e as posturas antirreligiosas eram mais comuns entre os operários das metrópoles, enquanto nas pequenas cidades os trabalhadores cultivavam uma prática religiosa mais participativa entre fins do século XIX e primeiras décadas do século XX (Hobsbawm, 2000, p. 60). Cotidianamente algumas memórias de Cesare formavam um alicerce socialista que, na convivência com o liberalismo da fase pré-fascista, reivindicava direitos aos trabalhadores. Posteriormente, as questões em pauta demarcavam-se por processos organizativos, envolvendo questões partidárias e sindicais. Por sua vez, Anselma tinha uma identidade política incomum por colaborar com os partisaos mas flertar com a monarquia e o catolicismo. Talvez essa confusão entre república e monarquia para Anselma Pescarmona tenha se originado em virtude de ser muito religiosa (“uma catolicona”, conforme

foi dito) e seguir as orientações papais, embora convivesse com um marido mais atento às distinções entre os grupos políticos.

Os colóquios entre Cesare e Anselma eram presenciados pelos filhos, Luigi, Roberto e Bruno, influenciando parcialmente os seus posicionamentos políticos. Percebe-se, pelas narrativas sobre os assuntos referentes às relações entre socialismo, monarquia e catolicismo, que eles faziam parte de uma construção específica de classe, no caso, a dos camponeses-trabalhadores. Thompson (1987) lembra-nos que na Inglaterra muitos operários pertenciam a uma diversidade de denominações cristãs. O Metodismo no século XIX assemelhou-se bastante com a Igreja Católica na Itália em relação a ser praticado por patrões e trabalhadores, enquanto se enfrentavam politicamente. Assim:

[...] o Metodismo obteve maior êxito em servir simultaneamente como religião da burguesia industrial (apesar de compartilhar este terreno com outras seitas heterodoxas) e de amplos setores do proletariado. Não pode haver dúvida sobre a profunda devoção de muitas comunidades da classe operária (incluindo igualmente mineiros, tecelões, operários industriais, marinheiros, ceramistas e trabalhadores rurais) à Igreja Metodista. Como foi possível ao Metodismo prestar este duplo serviço com tão notável êxito? (Thompson, 1987, p. 232).

No caso italiano, a presença do papado garantiu a formação de práticas políticas relacionadas com o catolicismo em um vasto leque: monarquistas e republicanos, sendo estes divididos em sociais-democratas, socialistas, liberais e comunistas. Esse fator parece haver embaralhado algumas perspectivas, a exemplo do caso da própria Anselma Pescarmona, que chegou a realizar trabalhos de oitiva na casa de um importante fascista em Alba para transmitir as informações aos partisans. Por fim, a guerra no solo italiano radicalizou posições políticas, contraditoriamente, sob a ponderação e mediação dos Aliados, cuja saída, com o fim do conflito, deixou aos italianos a reorganização da forma de governo em um regime democrático.

As narrativas do religioso Luigi Pescarmona enfatizam a experiência política familiar através do investimento afirmativo dessa experiência social por meio da memória. Essas narrativas foram constitutivas de uma relação entre o indivíduo e os contextos ao longo da sua trajetória, demarcando assim a própria individualidade. Nesse caso, retomando-se Bloch (2001), há uma

demonstração do “bilinguismo hierárquico”, que se afirma pelas memórias de um padre cuja infância foi no lar de um camponês-trabalhador, logo, em uma topografia social diversa da primeira demonstração feita: a do diário de guerra do bispo, um intelectual da alta hierarquia católica, responsável por mediações entre fascistas e partisaos. Lembramos que os camponeses-trabalhadores são categoria caracterizada por três aspectos essenciais:

1) A condição de camponês-trabalhador caracteriza-se por uma adaptação permanente e de longa duração, que tem emergido em resposta às mudanças estruturais dentro das sociedades industriais. Essa categoria é histórica, tem existido desde o século XVIII na Itália e se desenvolvido desde a Segunda Guerra Mundial. 2) É um processo que se relaciona com a dinâmica familiar e as fases da vida do camponês-trabalhador, tais como o casamento, reprodução e educação de crianças e aposentadoria. 3) Os camponeses-trabalhadores persistem ao longo da gerações. (Holmes, 1983<sup>9</sup> apud Menezes, 2002, p. 46).

Pela própria origem social do entrevistado, as narrativas por mim coletadas estavam “ao rés do chão”, ou seja, provieram de memórias de um padre, oriundo de uma família camponesa e falante de um dialeto, sobre o contexto de um enraizamento de experiências de trabalho com alguns séculos afetadas por duas guerras mundiais.

A guerra acendeu ainda mais as questões políticas entre os italianos. A redemocratização italiana, após a queda do fascismo, foi lembrada de uma forma lúdica em uma das entrevistas, quando inquiri sobre o contato com a política no fim da guerra:

Foi esse clima de efervescência política vivenciado por mim no ano de 1948, quando eu ainda era uma criança, que ficava circulando pelas ruas e presenciando as manifestações políticas na minha cidade. Então pela manhã os socialistas me davam, e a um grupo de meninos, uns cartazes para distribuir. Depois a democracia cristã fazia o mesmo [risos]. (Luigi Alberto Pescarmona, 2010).

---

9 Trata-se do artigo *A peasant-worker model in a northern Italian context*, publicado na *American Ethnologist* em 1983 (v. 10, n. 4).

As crianças, cuja infância fora parcialmente roubada pela guerra, com a retomada da ordem democrática, participaram das mobilizações e manifestações públicas ocorridas por toda a Itália. Desde a entrada dos Aliados no sul italiano, diversas instituições passaram a disputar futuros adeptos às suas fileiras. A Igreja lançou uma diversidade de ordens e de serviços sociais, visando auxiliar na reconstrução do país. Durante os combates entre partisans e fascistas, podemos visualizar reflexos políticos associados a uma ordem geracional, fornecendo vários elementos para uma compreensão sociológica. De acordo com Dosse (2009, p. 106), Pierre Milza, ao biografar Mussolini, compreendeu os limites de se imputar um determinismo psicológico para essa modalidade de trabalho, pois essa prática é ilusória diante das questões geracionais, cuja constituição apresenta uma partilha de pulsões autoritárias entre um bom número da geração envolvida nos eventos de 1914. As demandas políticas da juventude contemporânea da Segunda Guerra Mundial eram diversas daquelas da Primeira Guerra Mundial. Ao responder em uma entrevista sobre como a guerra influiu na sua vida, inclusive sob uma ótica confessional, Luigi Pescarmona disse:

A experiência da guerra marcou profundamente o povo italiano, sobretudo as gerações mais novas, que tiveram o papel de restaurar a política nacional depois do período fascista. Os fatos da guerra influenciaram muito a minha vida, inclusive foram decisivos para que eu me tornasse um padre. Isso ocorreu porque eu tinha o conhecimento de dois padres que defenderam muito os resistentes. Muitos jovens foram salvos da guerra, de serem conduzidos ao *front* pela ação do padre Carlos e do padre Demétrio. O padre Carlos era da minha cidade, de Canale, e padre Demétrio de outra cidade, que agora não recordo o nome. Mas eles fizeram a opção de defender os resistentes. O padre Carlos conseguiu escapar da fúria fascista, mas o padre Demétrio foi fuzilado. Esses são os meus dois exemplos, né? (Luigi Alberto Pescarmona, 2010).

Assim, pode-se afirmar a importância da memória familiar na constituição da identidade de um religioso associado às questões dos trabalhadores. Este trabalho começou a ser desenvolvido quando passei a frequentar a Comissão Pastoral da Terra (CPT) em Guarabira (PB), objetivando fazer incursões para uma futura tese, e me deparei com um padre curioso sobre a minha presença, talvez pela condição de coordenador da CPT diante de alguém tão interessado em arquivos. Depois de um café, uma torrente de memórias nos deixou

reflexivos e motivou a necessidade de perguntar: “O senhor tem interesse em realizarmos uma entrevista sobre essas questões?” E daí, várias vezes, ouvi a voz grave entoando *canti partigiani* (cantos partisãos).

## Considerações finais

As memórias dos dois religiosos que experienciaram a Segunda Guerra Mundial tiveram dimensões de registros em tempos diferentes, mas expressaram aspectos de um conflito entre agentes sociais múltiplos ligados a alianças circunstanciais, tendo como escopo a preservação de posições no campo político em questão.

O diário de guerra de D. Grassi é um documento preciso para uma percepção do papel dos religiosos e da Igreja, como uma instituição de agentes heterogêneos, em relação ao nazifascismo, plasmando, a partir da agência do bispo, na topografia social albense, um sentido de resistência política e religiosa aos intentos políticos de Mussolini, que perdeu militarmente a região e, apesar de haver enviado tropas para retomá-la, não logrou êxito algum, diante da adesão da população e das estratégias das guerrilhas unificadas.

Por sua vez, a narrativa oral de Luigi Pescarmona proveio de um religioso retomando um passado familiar de camponeses-trabalhadores (categoria nativa da região, na qual se encontra alguém que cultiva uma vinha, mas também realiza trabalhos fabris), pertencendo a uma expressão de memória mais ligada ao cotidiano dos “de baixo”, da cultura da gente simples pressionada pela eclosão de combates nas cidades da província de Cuneo.

As memórias possuem um enleio com a resistência, porém com caracteres diversos, pois uma foi um registro de um monarquista que no xadrez político aderiu às negociações com os *partigiani* contra o fascismo, enquanto a outra emerge como um eco de um pertencimento de classes trabalhadoras sem ceder espaço ao corporativismo fascista.

Em ambas está presente o sentido da solidariedade cristã aos perseguidos pela lógica opositiva da guerra, ao considerarmos a prática cristã da hospedagem do bispo aos judeus e fascistas, que passariam em algum momento por execuções sumárias diante das areias movediças do tempo. Na narrativa do padre, as lembranças das sabotagens paterna e da colaboração aos *partigiani*. Nas duas memórias, as expressões dos traumas quando a radicalidade política é revertida no ódio e o sangue tinta o solo.

## Referências

- ALCARAZ, Marcelo Barbosa; ALCARAZ, Rita de Cássia. O diário íntimo e a possibilidade da experiência. In: SEMINARIO INTERNACIONAL POLÍTICAS DE LA MEMORIA, 3., 2010, Buenos Aires. *Actas en PDF*. Buenos Aires: Centro Cultural de la Memoria Haroldo Conti, 2010. Disponível em: <[http://conti.derhuman.jus.gov.ar/2010/10/mesa-06/alcaraz\\_moser\\_alcaraz\\_mesa\\_6.pdf](http://conti.derhuman.jus.gov.ar/2010/10/mesa-06/alcaraz_moser_alcaraz_mesa_6.pdf)>. Acesso em: 8 nov. 2018.
- BLOCH, Marc. *Apologia da história ou o ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- \_\_\_\_\_. *A sociedade feudal*. 2. ed. Lisboa: Edições 70, 1987.
- BOMBARDI, Larissa Mies. A dialética e a geografia agrária na obra de Ariovaldo Umbelino de Oliveira. In: FERNANDES, Bernardo M. et al. *Geografia agrária: teoria e poder*. São Paulo: Expressão Popular, 2007. p. 315-338.
- CARDOSO, Ciro Flamarion. *Um historiador fala de teoria e metodologia*. Bauru: Edusc, 2005.
- COUTROT, Aline. Religião e política. In: RÉMOND, René (Org.). *Por uma história política*. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. p. 331-358.
- DE DECCA, Edgar Salvadori. Ensaio sobre a memória anarquista: a história como ficção coletiva. *História Oral*, v. 2, p. 111-134, 1999.
- DOSSE, François. *O desafio biográfico: escrever uma vida*. São Paulo: Edusp, 2009.
- GRASSI, Luigi Maria. *La tortura di Alba e dell'albese: 1944-1945*. 3. ed. Alba: San Paolo, 1994.
- GRASSI, Luigi Maria. In: DIZIONARIO biografico degli italiani. Roma: Treccani, 2002. Disponível em: <[http://www.treccani.it/enciclopedia/luigi-maria-grassi\\_\(Dizionario-Biografico\)/>](http://www.treccani.it/enciclopedia/luigi-maria-grassi_(Dizionario-Biografico)/>). Acesso em: 8 nov. 2018.
- GRENDI, Edoardo. Repensar a micro-história. In: REVEL, Jacques (Org.). *Jogos de escala*. Rio de Janeiro: Editora FVG, 1998. p. 251-262.
- HOBBSAWM, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- \_\_\_\_\_. *Mundos do trabalho*. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- LÓPEZ, Cristina del Carmen. *Identidades, representación y poder entre el Antiguo Régimen y la Revolución: Tucumán, 1750-1850*. Rosario: Prohistoria Ediciones, 2009.
- MAESTRI, Mário; CANDREVA, Luigi. *Antonio Gramsci*. São Paulo: Expressão Popular, 2001.
- MENEZES, Marilda Aparecida de. *Redes e enredos nas trilhas dos migrantes: um estudo de famílias de camponeses-migrantes*. Rio de Janeiro: Relume Dumará; João Pessoa: EDUFPB, 2002.

MICHEL, Henri. *Os fascismos*. Tradução Álvaro de Figueiredo. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1977.

MOLA, Aldo A. Introduzione: continuità e innovazione nella storia civile italiana dalle pagine di Mons. Luigi M. Grassi sulla chiesa d'Alba e dell'Albese nella resistenza. In: GRASSI, Luigi Maria. *La tortura di Alba e dell'albese (Luglio 1944-Aprile 1945)*. Alba: Società San Paolo; Gazzeta D'Alba, 1994.

MONTENEGRO, Antonio Torres. *História oral e memória: a cultura popular revisitada*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2001.

\_\_\_\_\_. Rachar as palavras. Ou uma história a contrapelo. *História Unisinos*, São Leopoldo, v. 9, n. 11, p. 37-62, 2006.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. Desafios e possibilidades na apropriação de cultura política pela historiografia. In: \_\_\_\_\_ (Org.). *Culturas políticas na história: novos estudos*. Belo Horizonte: Argumentvm, 2009. p. 13-37.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. *Projeto história*, São Paulo, v. 14, p. 25-39, jan./jun. 1997.

REVEL, Jacques. Microanálise e construção social. In: \_\_\_\_\_. *Jogos de escala*. Rio de Janeiro: FVG, 1998.

RICOEUR, Paul. *A Memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Editora Unicamp, 2007.

SAMUEL, Raphael. Teatros de memória. *Projeto história*, São Paulo, v. 14, p. 41-81, jan./jun. 1997.

SASSOON, Donald. *Mussolini e a ascensão do fascismo*. Rio de Janeiro: Agir, 2009.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. O testemunho para além do falocentrismo: pensando um outro paradigma. In: SCHEWEIDSON, Edelyn (Org.). *Memória e cinzas: vozes do silêncio*. São Paulo: Perspectiva, 2009. p. 47-83.

SMITH, Denis Mack. *Storia d'Italia dal 1861 al 1997*. Bari: Laterza, 2000.

THOMPSON, Edward. P. A economia moral da multidão inglesa no século XVIII. In: \_\_\_\_\_. *Costumes em comum*. São Paulo: Cia das Letras, 1998. p. 150-202.

\_\_\_\_\_. O poder transformador da cruz. In: \_\_\_\_\_. *Formação da classe operária inglesa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. v. 2: A maldição de Adão, p. 225-289.

## Fontes orais

PESCARMONA, Luigi Alberto [80 anos]. [mar./abr. 2010]: Entrevistador: Francisco Fagundes de Paiva Neto. Guarabira, PB, 25 mar. 2010, 28 abr. 2010.

**Resumo:** No presente artigo, articulam-se memórias sobre uma diocese do norte da Itália cuja excepcionalidade é o fato de um bispo haver participado ativamente da resistência política ao nazifascismo, apoiando os *partigiani*, e ter registrado essa experiência em um diário de guerra. Recorro também às narrativas orais como forma de enriquecer aspectos da memória social das interações presentes com a escrita da história. As reflexões associam-se à discussão de Marc Bloch sobre o “bilinguismo hierárquico”, considerando a elaboração de um diário como uma fonte proveniente de um dos membros do alto clero e a narrativa oral de Luigi Pescarmona, cuja família foi colaboradora dos *partigiani*. Utilizo como uma referência nas entrevistas as contribuições de Alessandro Portelli, que contempla a pluralidade das vozes presentes nessa modalidade metodológica da história oral.

**Palavras-chave:** Memória. Diário de guerra. Narrativa oral.

### **Echoes of the World War II among the Piedmontese: war diary and oral narrative on the Diocese of Alba**

**Abstract:** In this article, I will articulate memoirs about a Northern Italy diocese whose exceptionality is the fact that a bishop actively participated in political resistance to Nazi fascism, supported the *partigiani* and recorded this experience in a war diary. I also use oral narratives as a way of enriching aspects of social memory and of the present interactions with the writing of history. The reflections are associated with Marc Bloch's discussion about the “hierarchical bilingualism”, considering the elaboration of a diary as a source from one of the members of the high clergy and the oral narrative of Luigi Pescarmona, whose family collaborated with the *partigiani*. I used as a reference in our interviews the contributions of Alessandro Portelli, who contemplates the plurality of voices present in this method of oral history.

**Keywords:** Memory. War diary. Oral narrative.

Recebido em 29/08/2018

Aprovado em 26/10/2018